

O intérprete de Libras na sala de aula de língua inglesa

Angelita Duarte da SILVA¹

Maria Cristina Faria Dalacorte FERREIRA²

Faculdade de Letras - UFG

Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística

Palavras-chaves: Inclusão, ensino de Surdos, interpretação de Libras, ensino-aprendizagem de língua inglesa.

Introdução

Escolas da rede pública de ensino de Goiás passam por um processo de inclusão de pessoas com diversas necessidades especiais. Por atuar como professora de Língua Inglesa e intérprete de Libras na rede estadual de ensino em Goiás, observo o pouco preparo dos profissionais para que a inclusão seja realizada de fato, especialmente com relação à inclusão de alunos surdos, com os quais tenho trabalhado mais.

Nesse sentido, a interpretação da Libras dentro do processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira merece ser investigado, pois vivenciamos um problema em nossas escolas já que o professor da língua estrangeira geralmente não sabe Libras e o intérprete de Libras não sabe a língua estrangeira que está sendo ensinada, sendo que, no meio desse problema, encontramos o aluno Surdo que espera que o seu direito ao ensino seja preservado. Parto, assim, da observância da chamada Lei da Libras ou Lei nº 10.436 e o decreto nº 5.626 que oficializam e mostram a importância de um profissional preparado para realizar a interpretação da Língua de Sinais Brasileira (Libras).

Dessa forma, tomo como base a pesquisa realizada pela professora Silva (2005) e da sugestão da Secretaria de Educação Especial do MEC (SEE do MEC, 2004) que propõem que o serviço do intérprete de Libras seja pesquisado para que possamos avançar nessa área. Para tal, recorro a estudos teóricos da área

¹ Endereço eletrônico: angeldss@hotmail.com

² Endereço eletrônico: fdcma@gmail.com

de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, revisando autores como, por exemplo, Krashen (1981; 1982) e Swain (1985); documentos e artigos sobre o trabalho do intérprete tais quais a Lei da Libras e documentos do MEC; estudos sobre as modalidades das línguas (gestual ou oral) como, por exemplo, Meier, R. P.; Cormier, K.; Quinto-Pozos, D. (2002); artigos e trabalhos sobre a cultura Surda como os de Perlin (1998; 2003); e livros e pesquisas sobre o ensino de Surdos ao longo da história, com base em autores como Goldfeld (2002), dentre outros.

Justificativa e métodos

Pesquisar o papel do intérprete de Libras nas aulas de língua estrangeira – Inglês é de extrema importância, especialmente porque, como professora, passo por dificuldades e, como intérprete, escuto comentários de que não interpreto na aula de inglês. Assim, no meu caso, e provavelmente em diversos outros casos de professores e intérpretes, existem inúmeras dúvidas sobre o melhor caminho a seguir, sobre como desempenhar o papel de professor e intérprete de maneira eficiente.

No caso da sala de aula de língua inglesa, um problema comum que encontramos, conforme Silva (2005), trata-se do fato de expor o aluno surdo a uma proposta de aprendizagem inglês a partir de explicações, muitas vezes, dadas pela professora na língua portuguesa, ao invés de na língua inglesa, e interpretadas em Libras por uma intérprete que não sabe inglês.

Observamos também que muitas pessoas com fluência em Libras são certificadas para essa função, mas, ainda assim, encontram dificuldades de interpretação durante a aula de língua inglesa.

Dessa forma, para a realização dessa pesquisa, foram coletados dados em uma escola pública da rede estadual de ensino de Goiás, na cidade de Pires do Rio com a finalidade de possibilitar reflexões que possam auxiliar na atividade do profissional intérprete de Libras nas aulas de Língua Inglesa.

Para desenvolver este trabalho e buscar alcançar os objetivos propostos, realizo uma pesquisa qualitativa, pois essa abordagem, de acordo com Creswell (2007), parte do princípio de que a pesquisa seja realizada em um cenário natural, no qual o pesquisador vai ao local para conduzir sua pesquisa; os métodos utilizados por ela são interativos e humanísticos, buscam o envolvimento dos

participantes na coleta de dados e primam por uma relação harmoniosa e de credibilidade com os envolvidos na pesquisa, proporcionando mudanças e refinamento nas questões de pesquisa. Além disso, o pesquisador passa a refletir constantemente sobre sua história, sobre o que vê e sua prática e tem a possibilidade de utilização de uma ou mais estratégias de investigação.

Desta forma, com base na abordagem qualitativa de pesquisa, realizo um estudo de caso, que, de acordo com Lüdke e Andre (1986), visa à descoberta, enfatiza a interpretação em um contexto, busca retratar a realidade de forma completa e profunda e utiliza uma linguagem e uma forma mais acessível do que outros relatórios de pesquisa. Para esses autores, o estudo de caso consiste de três fases: a primeira é aberta ou exploratória, a segunda é mais sistemática com relação à coleta de dados e a terceira consiste de uma análise e interpretação sistemática dos dados, além da elaboração de um relatório, em meu caso, a dissertação.

Como instrumentos de pesquisa para a coleta de dados, utilizo observações da sala de aula e da interpretação durante as aulas de língua inglesa, filmagem desses eventos em sala de aula. Além disso, foram feitas anotações de campo; realizadas entrevistas e aplicados questionários sobre a função do intérprete e o processo de interpretação na aula de língua inglesa para o professor da disciplina, o intérprete e o(s) aluno(s) surdo(s). Realizo, ainda, momentos de reflexão com o professor e o intérprete para buscar formas de entender o processo de interpretação nas aulas de língua inglesa.

Resultados e discussão

Atualmente, todo o material coletado está sendo organizado para que seja analisado, a fim de chegar a uma reflexão e, conseqüentemente, um posicionamento sobre o intérprete de Libras na sala de aula de Língua Inglesa.

Conclusões

Ao final dessa pesquisa pretendo mostrar e entender como tem acontecido o processo de interpretação na aula de língua inglesa, quais os efeitos positivos e negativos desse processo de interpretação, de forma a buscar

possibilidades de reflexões que nos permitam pensar em maneiras de melhorar o trabalho desse profissional na sala de aula de língua estrangeira - inglês.

Referências

BRASIL. Decreto n° 5626, de 22 de dezembro de 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>.

Acesso em 18 set. 2009.

_____. Lei n° 10.436, de 24 de abril de 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10436.htm>. Acesso em 18 set. 2009.

_____. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Brasília, DF: MEC; SEESP - Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos, 2004.

CRESWELL, J.W. Procedimentos Qualitativos. In: _____. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 21ª Ed. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2007. p. 184-210.

FERNANDES, E. *Problemas lingüísticos e cognitivos do surdo*. Rio de Janeiro: Agir, 1990.

LÜDKE, M.; ANDRE, M.E.D.A. Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. In: _____. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986. p. 11-24.

_____. Métodos de Coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In: LÜDKE, M.; ANDRE, M.E.D.A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986. p. 25-44.

MARTINS, V.R.O. Intérprete de língua de sinais, legislação e educação: o que temos, ainda, a “escutar” sobre isso?. *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 8, p. 171-191, jun. 2007.

TELLES, J. É pesquisa, é? Ah, não quero, não bem!". Sobre a pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. *Linguagem e Ensino*, v.5, n. 2, 2002. p. 91-116.

SILVA, C.M.O., *O surdo na escola inclusiva aprendendo uma língua estrangeira (inglês): um desafio para professores e alunos*. 2005. 230f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

SOUZA, R.M. O professor intérprete de língua de sinais em sala de aula: ponto de partida para se repensar a relação ensino, sujeito e linguagem. *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 8, p. 154-170, jun. 2007.